

## A PEDAGOGIA SOCIOLÓGICA DE DURKHEIM

Como sucede com a maioria dos fundadores da pedagogia científica e mesmo aos educadores de renome universal, a biografia e obra de Emílio DURKHEIM (1858-1917) não se encontram muito vulgarizadas entre nós. Que seja do meu conhecimento só existe uma tradução de «Éducation et Sociologie» — a obra fundamental de Durkheim — em língua portuguesa, mas publicada no Brasil<sup>1</sup>. No entanto, pode considerar-se um clássico da pedagogia, com a mesma relevância de pedagogos na linha de Rousseau, Pestalozzi, Claparède, Dewey e Alain<sup>2</sup>, para citarmos apenas aqueles que pertencem à história contemporânea das doutrinas pedagógicas.

A personalidade de Emílio Durkheim situa-se, em primeiro lugar, no campo da sociologia. Como vamos ter ocasião de apreciar detidamente, é como sociólogo que ele vai abordar e aprofundar a matéria pedagógica. Pode mesmo afirmar-se que é um dos fundadores da moderna escola de sociologia francesa na sucessão de Augusto Comte (1798-1857).

Apenas alguns ligeiros dados biográficos ajudam-nos a esclarecer a sua evolução mental. Professor dos liceus e professor de ensino superior iniciou a sua carreira universitária em Bordéus, no último quartel do século passado, leccionando, ao mesmo tempo, como encarregado de curso,

---

<sup>1</sup> Tradução de Lourenço Filho na «Biblioteca de Educação», S. Paulo.

<sup>2</sup> Vd. Ávila de Azevedo, *Alguns aspectos da Pedagogia de Alain*, in «Revista da Faculdade de Letras», Série de Filosofia. Vol. I, fasc. 1, págs. 31-41.

as ciências sociais e a pedagogia. Logo no início do século actual, ascendeu à Sorbona onde sucede na cátedra de Fernando Buisson, denominada Ciência da Educação, mas abrangendo igualmente a Sociologia. Foi, portanto, nesta similaridade de interesses científicos que Durkheim se ocupou da educação e elaborou as suas teorias pedagógicas. Imprime-lhes uma orientação predominantemente sociológica. É mesmo como sociólogo — declara-o por mais de uma vez — que desenvolverá os temas educativos<sup>3</sup>.

Os ensaios sobre educação da autoria de Durkheim podem assim sumariar-se: «L'éducation, sa nature et son rôle», «Nature et méthode de la Pédagogie» — dois artigos publicados no *Nouveau Dictionnaire de Pédagogie et Instruction Primaire*, dirigido por Fernando Buisson, o seu predecessor, na Sorbona, como acima notámos<sup>4</sup>, «Pédagogie et sociologie» e «L'évolution et le rôle de l'enseignement secondaire en France», lições pronunciadas na Sorbona. Estes quatro estudos foram reunidos no volume já citado, «Éducation et Sociologie», por Paulo Fauconnet, um dos seus lúcidos continuadores.

Outra das suas obras fundamentais neste campo de investigação é «L'évolution pédagogique en France»<sup>5</sup> que reproduz as lições do mestre professadas em Bordéus e na Sorbona.

Com «Éducation morale» e ensaios de menor importância fica completa a obra pedagógica de Durkheim que não é excessivamente volumosa. Todavia, pela originalidade do seu pensamento, pela lógica modelar do seu raciocínio, pela clareza de exposição e, sobretudo, pelas perspectivas com que encarou a posição pedagógica nas ciências sociais, ele legou-nos uma interpretação nova e ousada das matérias educativas e abriu um sulco à investigação pedagógica por onde seguiram não somente os seus discípulos, mas ainda educadores de outros países. Especialmente nos Estados

---

<sup>3</sup> Émile Durkheim, *Éducation et Pédagogie*, P. U. F., 1968, pág. 82.

<sup>4</sup> Paris, Hachette, 1911. Hoje raridade bibliográfica.

<sup>5</sup> Avec une introduction par Maurice Halbwachs, 2 vols. Librairie Félix Alcan, Paris, 1938.

Unidos a *Educational Sociology* tem sido objecto de múltiplos estudos, bem como a *Sozialpädagogik* na Alemanha. Com Durkheim operou-se uma ruptura entre a pedagogia, tal como ela foi considerada no século XIX, e como ela passou a ser considerada, estudada e classificada na segunda metade do século XX.

No presente artigo procuraremos analisar no pensamento de Emilio Durkheim o que ainda se mantém vivo e actual, apesar da intensa elaboração (mais elaboração do que refundição) sofrida pelas ciências pedagógicas. Não podemos esquecer que o grande sociólogo faleceu no termo da primeira guerra mundial, são já decorridos mais de cinquenta anos. Desde então as sociedades humanas passaram por profundas transformações. E, de acordo com o seu próprio critério sociológico, a educação teria de reflectir estas mudanças que alteraram súbitamente a face do mundo.

### 1 — O conceito sociológico da pedagogia

Como quase todos os pedagogos, Durkheim sintetizou numa fórmula completa o seu conceito de educação:

«A educação é a acção exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não se encontram amadurecidas para a vida social. Tem como objectivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais que dependem dela, da sociedade política no seu conjunto e do meio que lhe é particularmente destinado»<sup>6</sup>.

Esta definição abre-nos o caminho para balizarmos mais fácil e concretamente as teorias do pedagogo. Com efeito, considera ele que a educação é «uma coisa eminentemente social pelas suas origens como pelas suas funções e, por consequência, a pedagogia depende mais intimamente da sociologia do que qualquer outra ciência». Desta sorte,

---

<sup>6</sup> Durkheim, *ed. cit.*, pág. 41.

é sobretudo como sociólogo que se referirá à matéria educativa<sup>7</sup>.

Uma concepção nova, como aquela que Durkheim nos vai expor, pressupõe um exame crítico às concepções anteriores. De facto, discorda que exista um sistema de educação válido para todo o género humano. Ressalta uma nítida oposição entre as doutrinas por ele desenvolvidas e as dos seus antecessores. Para Kant, para Spencer, para Herbart, para o próprio Rousseau (apesar da tentativa de integração social do seu educando) interessava apenas o aperfeiçoamento harmónico de todas as faculdades individuais, no triplo aspecto da formação física, intelectual e moral. A meta educativa procurava atingir o supremo bem ou a felicidade do indivíduo. Como se existisse um ser humano idêntico em todas as épocas e independente da diversidade dos grupos sociais. Como se fosse possível cultivar no indivíduo uma educação exclusiva, apropriada a todos os homens e a todas as condições históricas e sociais<sup>8</sup>.

Aquele ideal toma uma feição tão notória que a criança ou o jovem podem ser conduzidos por um preceptor (é ainda o caso de Rousseau) desintegrando-os ou isolando-os do ambiente social ou mesmo familiar. A sociedade, em que o educando iria mover os seus passos ou exercer a sua profissão, estava apenas preparada para recebê-lo com a sua formação eminentemente aristocrática. A educação não lhe inculcava as noções resultantes das predilecções intelectuais, das crenças religiosas, das condições económicas ou dos hábitos de trabalho em determinado momento ou em determinado meio. Nesses dois «eu» que Durkheim separa no ser humano, o «eu» individual ou associal e o «eu» social, só aquele contava... O primeiro é constituído pelos estados mentais que se relacionam connosco e com os acontecimentos da nossa vida pessoal; o segundo é um sistema de ideias e de sentimentos que exprime não a nossa própria personalidade mas o carácter do grupo ou dos grupos de que participamos<sup>9</sup>.

<sup>7</sup> *Idem*, pág. 82.

<sup>8</sup> *Ibidem*, pág. 83.

<sup>9</sup> *Ibidem*, pág. 41.

Durkheim concluía que a educação não era, portanto, o produto ou o resultado de uma vontade individual, mas a imposição de circunstâncias sociais específicas de uma época e de uma classe social.

Estas doutrinas são demonstradas com a análise de factos decorrentes da observação no espaço e no tempo. Dentro de cada sociedade podem coexistir e funcionar sistemas educativos diferentes. Pelo menos nas sociedades heterogéneas assinaladas por um alto grau de desenvolvimento.

Nesta ordem de ideias a educação de um descendente da burguesia, enriquecida pela indústria ou pelo comércio, não é a mesma de um filho de operários. A de um rapaz originário de uma aldeia serrana difere nitidamente da que lhe seria ministrada num grande aglomerado humano. Como acentua o pedagogo, cada profissão, poderíamos ainda acrescentar, cada grupo social ou cada região com as suas características bem definidas, «constituem um meio *sui-generis* que exige aptidões particulares e conhecimentos especiais<sup>10</sup>.

Se da linha horizontal, em que colocámos as nossas observações, passarmos a uma linha vertical, verificaremos por idênticas razões que, na marcha da história, cada povo dispõe de uma educação que lhe é própria, a par das suas outras instituições religiosas, políticas e morais. Em Atenas — é ainda Durkheim que o acentua — procuravam-se formar espíritos capazes de apreciar a beleza e os prazeres da pura especulação; em Roma era a glória militar que predominava; a Idade Média subordinava-se ao ideal da perfeição cristã; na Renascença os jovens deleitavam-se com as seduções de uma cultura humanística; no século XIX já se tende para a especialização científica que atinge no nosso tempo um carácter de exclusividade tecnológica. Isto é: as sociedades antigas não teriam podido sobreviver, tal como as conhecemos, se não tivessem afirmado as necessidades inelutáveis de uma educação adequada aos seus ideais<sup>11</sup>.

Mas o carácter sociológico da educação ainda se veio a reforçar e a consolidar com a evolução das instituições

---

<sup>10</sup> Durkheim, *Op. cit.*, pág. 85.

<sup>11</sup> *Idem*, pág. 34.

da nossa civilização. A educação começou a tornar-se, a partir do final do século passado, um verdadeiro serviço público. As instituições propriamente educativas desempenham uma função primacial nas sociedades contemporâneas. Com efeito não é a colectividade que impõe a satisfação de deveres, agora exclusivamente atribuídos ao Estado para com as gerações que ascendem para a vida social?

É, por consequência, a sociedade representada por um poder cada vez mais extenso, senão mais opressivo do Estado, que não somente eleva o jovem à dignidade do tipo humano, mas ainda lhe dá uma estrutura de acordo com as suas necessidades e as suas aspirações. Estas palavras textuais de Durkheim precisam melhor o seu pensamento:

«O homem que a educação deve realizar em nós não é o homem como o fez a natureza, mas como a sociedade deseja fazê-lo; esta exige que ele se harmonize com a sua maneira de ser íntima»<sup>12</sup>.

O nosso ideal pedagógico é portanto, tanto no passado como no presente, obra da sociedade, mesmo nos seus pormenores. É a sociedade, insiste Durkheim, que talha o retrato do homem tal como ele deve ser. Neste retrato reflectem-se todas as particularidades da sua organização.

Creio que nenhum outro sociólogo e ao mesmo tempo educador, exprimiu com mais força e mais clareza a intervenção dos factores sociais na formação da personalidade humana.

## 2 — A autoridade na educação

Explicados os fundamentos sociológicos da educação no conceito de Emílio Durkheim deduz-se ainda das suas doutrinas um outro ponto digno da nossa atenção, mais no ponto de vista normativo do que propriamente teórico. Preocupou-se também com os métodos da acção pedagógica, desprezando naturalmente — e é este um dos aspectos mais

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, pág. 90.

desactualizados da sua obra — todas as investigações e as técnicas experimentais da psicologia infantil, aliás ainda balbuciantes no seu tempo.

Durkheim entende que a inteligência da criança está aberta e preparada para receber todos os elementos energéticos da cultura que se pretende transmitir-lhe formando nela o *ser social*, atrás entrevisto. Compara então a acção educativa a uma sugestão hipnótica, tal como ela havia sido descrita por um filósofo contemporâneo, Jean-Marie GUYAU<sup>13</sup>. O professor assume o papel de hipnotizador; o aluno, de hipnotizado. Aquele reveste-se de uma força de persuasão particular, enquanto este se caracteriza por uma excepcional passividade.

O ascendente do mestre exerce-se então sobre o aluno por intermédio da sua cultura e da sua experiência. Assim dispõe de todos os meios necessários para modelar profundamente as almas. Nesse acto reside, segundo Durkheim, a mola essencial da acção educativa. Daqui provém a autoridade do mestre. E conclui com um dos seus axiomas: «A educação deve ser essencialmente objecto da autoridade»<sup>14</sup>.

A educação exige um esforço, mais ou menos penoso, para transformar o ser associal e individual, que somos ao nascer, num ser inteiramente novo. Tal como Alain, nega os métodos epicuristas que Montaigne pôs em voga, depois exemplificados e largamente desenvolvidos pela escola activa que, como se sabe, é em grande parte uma escola lúdica...

Para Durkheim a vida é uma coisa séria e grave. Não há que ocultá-la neste aspecto aos olhos da criança. A educação — são ainda palavras dele — deve participar desta gravidade. Igualmente, como em Alain, a vontade desempenha um papel predominante no acto educativo.

Se não é sob a pressão física que a criança se submete às exigências da escolaridade, temos de lhe inculcar a noção do dever como estimulante do esforço, por excelência, a qual só lhe pode ser revelada pelos pais e pelos professores. Têm eles de ser a noção encarnada do próprio dever. A autoridade moral é, por consequência, a qualidade soberana do educador.

---

<sup>13</sup> (1854-1888). Autor de *Une morale sans obligation ni sanction*.

<sup>14</sup> Durkheim, *Op. cit.*, pág. 56.

Na interpretação do pensamento de Durkheim depreendemos que o professor, o mestre, é não somente um exemplo e um símbolo desta autoridade, mas ainda o agente transmissor da cultura de uma época. E na sequência do seu raciocínio compara um tanto irreverentemente o professor ao sacerdote:

«Do mesmo modo que o padre é o mediador do seu deus ele (o professor) é o mediador das grandes ideias morais do seu tempo e do seu País»<sup>15</sup>.

A origem da autoridade provém do ascendente moral exercido pelo professor sobre o aluno. Pressupõe ainda, segundo Durkheim, duas condições: a primeira, a força do carácter, isto é uma vontade que não admita tergiversações e tibiezas; a segunda, é que esta autoridade brote da própria personalidade do mestre. É preciso que ele esteja convencido da magnitude da sua tarefa, ainda mais do que dos predicados superiores da sua inteligência ou do seu coração<sup>16</sup>.

Além de Alain, já várias vezes citado, outros ilustres educadores têm dado lugar de relevo ao princípio da autoridade como um dos alicerces da obra educativa. Não é apenas preocupação daqueles que podemos considerar como pedagogos tradicionais, mas ainda dos contemporâneos como KERSCHENSTEINER (1855-1932), autor de um livro sobre «a alma do educador». Para ele, a autoridade na educação é uma condição *sine qua non*. Autoridade que evidentemente não se pode confundir com autoritarismo...

Porém, num momento da história das instituições educativas em que a autoridade — a autoridade justa, equilibrada, inspirada pela dignidade de uma profissão e pelo cumprimento de um dever — tem sido contestada e entrou em crise é oportuno realçar a lição dos mais notáveis educadores do nosso tempo.

*Ávila de Azevedo*

---

<sup>15</sup> *Idem*, pág. 58.

<sup>16</sup> *Ibidem*, pág. 58.